



Realismo e Naturalismo no Brasil, contexto histórico e autores.

Literatura – Professora Jaqueline

2ª série

Contexto histórico...

- Segunda metade do séc. XIX;
- Abolição da escravatura em 1888;
- Mão-de-obra escrava substituída pelo trabalho dos imigrantes europeus;
- Marginalização do negro;
- Economia açucareira em decadência;
- Deslocamento do eixo econômico para o RJ, devido ao crescimento do comércio cafeeiro;
- Evolução na indústria trouxe tecnologia às empreitadas do governo: a primeira estrada de ferro foi construída em 1854 (ligava o Porto de Mauá à raiz da Serra da Estrela) e logo depois, a Estrada de Ferro Central do Brasil;
- Em 1889 foi proclamada a República pelo partido burguês Republicano Paulista (PRP), com a posse do primeiro presidente, o marechal Deodoro da Fonseca;
- O positivismo, chegado da França, era uma corrente filosófica que tinha como fundamento analisar a realidade. Logo, as produções literárias do Realismo no Brasil, como o próprio nome já diz, estão voltadas à realidade brasileira.

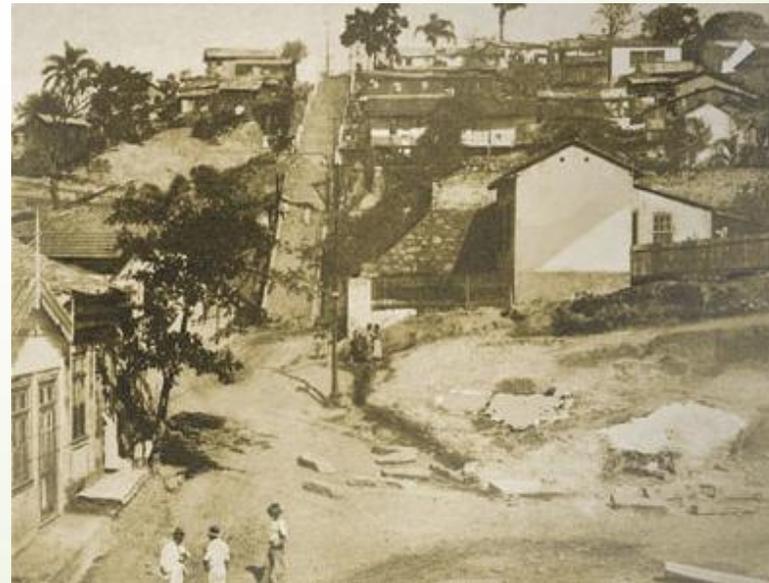
Na Literatura...

- **Realismo:** publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, em 1881.
- **Naturalismo:** publicação de *O mulato*, de Aluísio Azevedo, também em 1881.
- **O Realismo retrata o homem interagindo com seu meio social.**
- **Influenciados pelo cientificismo, os autores naturalistas criavam narradores oniscientes, impassíveis para dar apoio à teoria na qual acreditavam. Exploravam temas como:**
 - o homossexualismo;
 - o incesto;
 - o desequilíbrio que leva à loucura, criando personagens que eram dominados por seus instintos e desejos;
 - o comportamento do ser humano com traços de sua natureza animal.

MACHADO DE ASSIS: o bruxo da Literatura Brasileira...



- ▶ Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 1839 (21 de junho) e morreu em 1908;
- ▶ Filho de Francisco José de Assis, um pintor de paredes e dourador, mulato (filho, por sua vez, de escravos alforriados), e de uma portuguesa açoriana, imigrada menina para o Brasil, Maria Leopoldina Machado de Assis, que fazia serviços domésticos;



Morro do Livramento, onde nasceu Machado de Assis.

- 
- Seus pais sabiam ler e escrever, coisa bastante rara para sua condição social; casaram-se relativamente tarde: ela com 26 anos, ele com 32;
 - Sua família – os pais, ele e uma irmãzinha mais nova, Maria, que morreu de sarampo aos cinco anos – formou-se na condição de agregada da família rica que vivia numa propriedade senhorial, no Livramento; pai e mãe trabalharam ali. Os padrinhos do menino foram gente dessa família, o que é mais um sintoma de sua condição humilde, porque era típico que filhos de agregados buscassem a proteção dos senhores mediante apadrinhamento.
 - Ficou órfão de mãe ainda menino, antes dos 10 anos;
 - Seu pai volta a casar em 1854, quando Joaquim Maria andava pelos 15 anos e a nova esposa chamava-se Maria Inês, tinha sangue negro como o pai, e estava com 33 anos ao casar (Francisco estava com 46 anos e morreria não muitos anos depois disso);
 - Não se tratava de gente miserável, mas pobre; seus avós e seus pais eram todos pessoas livres, isto é, não-escravos, mas todos dependeram de algum tipo de proteção de gente de cima, pelo menos em alguma época de suas vidas. Em termos atuais, pertenceriam a um estrato inferior da classe média (supondo abaixo deles os escravos), ou a um estrato superior da classe baixa.

- Aos 15 anos, começou a trabalhar regularmente, e pouco depois já estava morando fora da casa familiar;
- Estudou pouco tempo em escolas formais, mas soube continuar vivendo e aprendendo, o que incluiu o português, algum latim e o francês (mais adiante dominará o inglês e chegará a estudar o alemão e o grego clássico). Como fez esse caminho? Uma especulação fala de ele ter aprendido francês com um padeiro emigrado para cá. Teria sido sacristão, conforme outra dessas estimativas; teria vendido doces em uma escola (feitos, possivelmente, pela madраста) em troca de assistir aulas; tudo é muito incerto em matéria de informação sobre sua infância e juventude;
- Antes dos 18 anos já trabalhava há algum tempo como caixeiro no comércio, depois como aprendiz de tipógrafo na Tipografia Nacional. Daí por estava sempre metido em trabalhos letrados, atuando como revisor de editora e de jornal, como jornalista mesmo, e mais tarde ainda como funcionário público no campo administrativo.



Professor Luís Augusto Fischer (UFRGS)

Imprensa Nacional, onde Machado de Assis iniciou seus serviços como tipógrafo e revisor.

Às 3h20min, de 29 de setembro de 1908, na casa de Cosme Velho, Machado de Assis morre aos sessenta e nove anos de idade com uma úlcera canseriosa na boca; sua certidão de óbito relata que morreria de arteriosclerose generalizada, incluindo esclerose cerebral, o que, para alguns, seria questionável pelo motivo de mostrar-se lúcido nas últimas cartas relatadas.



Estudantes e amigos, entre eles Euclides da Cunha, saem da Academia conduzindo o caixão até o Cemitério São João Batista, 1908.



Soneto a Carolina

*Querida! Ao pé do leito derradeiro,
em que descansas desta longa vida,
aqui venho e virei, pobre querida,
trazer-te o coração de companheiro.*

*Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
que, a despeito de toda a humana lida,
fez a nossa existência apetecida
e num recanto pôs um mundo inteiro...*

*Trago-te flores - restos arrancados
da terra que nos viu passar unidos
e ora mortos nos deixa e separados;*

*que eu, se tenho, nos olhos mal feridos,
pensamentos de vida formulados,
são pensamentos idos e vividos.*

A obra de Machado de Assis: primeira fase

- ▶ **Obras:** *Contos fluminenses* (1870), *Ressurreição* (1872), *Histórias da meia-noite* (contos, 1873); *A mão e a luva* (1874); *Helena* (1876); *Iaiá Garcia* (1878).
- ▶ **Ressurreição:** apesar do convencionalismo da linguagem, rompe com o nacionalismo literário da época.
- ▶ Nos demais romances da primeira fase há um retrocesso, pois cede lugar a um romantismo mal elaborado, revelando, na verdade, que sequer o autor possuía um espírito sentimental e idealizante da realidade.
- ▶ Seus defeitos da primeira fase são:
 - ▶ **Conformismo com os valores da época;**
 - ▶ **Esquematismo psicológico (os personagens não possuem qualquer complexidade psicológica);**
 - ▶ **Linguagem carregada de lugares-comuns (uso de frases feitas, por exemplo).**

A obra de Machado de Assis: segunda fase

- ▶ **Obras:** *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881); *Papéis avulsos* (contos, 1882); *Histórias sem data* (contos, 1884); ***Quincas Borba*** (1891); *Várias histórias* (contos, 1896); ***Dom Casmurro*** (1899); *Esaú e Jacó* (1904); *Memorial de Aires* (1908).
- ▶ **Características da segunda fase**
 - ▶ **Análise psicológica** – observa-se nos personagens:

APARÊNCIA	ESSÊNCIA
Amor	Incapacidade para o amor
Solidariedade	Egoísmo
Autenticidade	Dissimulação
Moralidade	Amoralidade
Generosidade	Ambição
Racionalismo	Instinto
Ordem	Desordem

(Cont.) Características da segunda fase

► Destruição da narrativa linear:

O modo de contar a história torna-se tão ou mais importante do que a própria história. A fala do narrador passa a ser a própria essência do romance. A todo instante ela se faz ouvir através de interrupções explícitas, digressões, comentários a margem do texto, pontos de vista contraditórios sobre o significado do livro, ironias ao leitor. Com tal procedimento, prepara jogos e armadilhas, nos arrasta em uma ou outra direção, dilui todas as certezas e constrói um mundo onde tudo é movediço e relativo. A sutileza de seu humor atinge o próprio formular da obra, como nesta passagem de *Memórias póstumas de Brás Cubas*:

“Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho o que fazer; e realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu leitor. Tu tens a pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam á direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...”

(Cont.) Características da segunda fase

- **Análise dos valores sociais;**
- **Pessimismo;**
- **Relativismo radical:**

“Nenhuma verdade é absoluta, nada é eterno ou definitivo.”

Assim, tanto a ideia de Deus não passa de uma ausência, quanto a ciência é arrasada, pois é vista como arrogante e pretenciosa, o que pode ser observado no conto **O alienista**.

As ideologias redentoras e as utopias sociais não passam de ilusões desprezíveis e a Filosofia é apresentada sob o manto do deboche e da paródia, como em **Quincas Borba**.

Tudo na vida de cada indivíduo depende de seus interesses e assim aparecem o egoísmo, a vaidade, o instinto sexual, a luta pelo dinheiro e a sede de poder, isso é o que impele as criaturas a uma guerra surda umas contra as outras, contra a natureza e contra o tempo.

(Cont.) Características da segunda fase

- ▶ **Humor:** o próprio *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é o melhor exemplo.
- ▶ **Perfeição expressiva:** modernidade estilística, sem recursos banais, postura irônica, precisão e rigor vocabular, poder de criação de imagens, tais como os “olhos de cigana”, na fala de José Dias, e os “olhos de ressaca”, na fala de Bento Santiago, em *Dom Casmurro*.

"(...) na obra de Machado de Assis, toda conclusão do leitor é um risco, porque nela o sentimento do mistério se traduz por um desencanto aparentemente desapaixonado, mas que abre a porta dos sentidos alternativos e transforma toda noção em ambiguidades."

Antonio Candido

RAUL POMPEIA

- Contista, cronista e romancista, Pompeia nasceu em 12 de abril de 1863, em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, e faleceu em 25 de dezembro de 1895, com 32 anos, no Rio de Janeiro.
- Principal obra: o romance *O Ateneu – Subtítulo: Crônica de saudades* (1888).
- *O Ateneu* pode ser analisada como uma crítica feroz às instituições de ensino das elites do século XIX. O colégio (*O Ateneu*) é visto como microcosmo da sociedade. Para isso, o narrador utiliza descrições de toda ordem, físicas ou psicológicas, levadas a cabo com rigor e riqueza de detalhes quase científicos.



O ATENEU, DE RAUL POMPEIA

- ▶ É uma obra de difícil classificação, pois:
- ▶ Há um narrador-protagonista (Sérgio);
- ▶ O foco em primeira pessoa subverte os preceitos naturalistas, de isenção e distanciamento. Sérgio narra e comenta o mundo narrado;
- ▶ A compreensão sobre o que é o Ateneu se estrutura na obra com as impressões do personagem principal. E, como elemento complicador, isso se realiza pautado na perspectiva adulta. Isso afasta a obra do modelo clássico de realismo/naturalismo. Por outro lado, o romance abriga vários aspectos naturalistas, como o determinismo, a presença do homossexualismo e os aspectos animais (comparações de personagens com animais).
- ▶ O tempo é dividido em tempo psicológico e tempo vivido;
- ▶ A cada episódio são descritos os colegas, os desafetos, os baderneiros, os protetores, os professores, Ema e, principalmente, Aristarco;
- ▶ As relações entre esses personagens, no relato de Sérgio, formam o Ateneu. Esse, por sua vez, como em *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, funciona na estrutura do livro como personagem. Essa é mais uma das singularidades do romance em relação ao que prescrevia a estética naturalista, para a qual o meio se sobrepunha sempre ao indivíduo, determinando-o.

Aluísio Azevedo



- ▶ Embora tenha escrito a obra considerada de abertura do Naturalismo brasileiro (*O mulato*, de 1881), sua principal obra é *O cortiço*, de 1890.

O CORTIÇO

- 23 capítulos.
- O próprio Cortiço pode ser visto como um personagem.
- Na situação inicial do capitalismo, o explorador vivia muito próximo ao explorado, daí a estalagem de João Romão estar junto aos pobres moradores do cortiço do lado, o burguês Miranda.
- O autor possui uma tese para sustentar sua história: provar, por meio da obra literária, como o meio, a raça e a história determinam o homem e o levam à degradação.
- Aluísio Azevedo se propõe a mostrar que a mistura de raças em um mesmo meio desemboca na promiscuidade sexual, moral e na completa degradação humana.
- Narrador onisciente, em terceira pessoa.
- Porém, a aparência de imparcialidade do narrador é ilusória, pois uma observação mais cuidadosa permite verificar uma posição ideologicamente tendenciosa.

- O tempo é linear, com princípio, meio e desfecho da narrativa. A história se desenrola no Brasil do século XIX, sem precisão de datas.
- Há dois espaços. O primeiro é o cortiço, que funciona como um organismo vivo. Junto ao cortiço estão a pedreira e a taverna do português João Romão. O outro é o espaço que fica ao lado do cortiço, o sobrado aristocratizante do comerciante Miranda e de sua família.
- O sobrado representa a burguesia ascendente do século XIX. Esses espaços fictícios são enquadrados no cenário do bairro de Botafogo, sendo que o clima também interfere no modo de agir dos personagens, como, por exemplo, no caso de Jerônimo.

RESUMO DA OBRA

- O livro narra inicialmente a saga de João Romão rumo ao enriquecimento. Para acumular capital, ele explora os empregados e se utiliza até do furto para conseguir atingir seus objetivos. João Romão é o dono do cortiço, da taverna e da pedreira. Sua amante, Bertoleza, o ajuda de domingo a domingo, trabalhando sem descanso.
- Em oposição a João Romão, surge a figura de Miranda, o comerciante bem estabelecido que cria uma disputa acirrada com o taverneiro por uma braça de terra que deseja comprar para aumentar seu quintal. Não havendo consenso, há o rompimento provisório de relações entre os dois.

- Com inveja de Miranda, que possui condição social mais elevada, João Romão trabalha arduamente e passa por privações para enriquecer mais que seu oponente. Um fato, no entanto, muda a perspectiva do dono do cortiço. Quando Miranda recebe o título de barão, João Romão entende que não basta ganhar dinheiro, é necessário também ostentar uma posição social reconhecida, frequentar ambientes requintados, adquirir roupas finas, ir ao teatro, ler romances, ou seja, participar ativamente da vida burguesa.
- No cortiço, paralelamente, estão os moradores de menor ambição financeira. Destacam-se Rita Baiana e Capoeira Firmo, Jerônimo e Piedade. Um exemplo de como o romance procura demonstrar a má influência do meio sobre o homem é o caso do português Jerônimo, que tem uma vida exemplar até cair nas graças da mulata Rita Baiana. Opera-se uma transformação no português trabalhador, que muda todos os seus hábitos.
- A relação entre Miranda e João Romão melhora quando o comerciante recebe o título de barão e passa a ter superioridade garantida sobre o oponente. Para imitar as conquistas do rival, João Romão promove várias mudanças na estalagem, que agora ostenta ares aristocráticos.
- O cortiço todo também muda, perdendo o caráter desorganizado e miserável para se transformar na Vila João Romão.
- O dono do cortiço aproxima-se da família de Miranda e pede a mão da filha do comerciante em casamento. Há, no entanto, o empecilho representado por Bertoleza, que, percebendo as manobras de Romão para se livrar dela, exige usufruir os bens acumulados a seu lado.

- Para se ver livre da amante, que atrapalha seus planos de ascensão social, Romão a denuncia a seus donos como escrava fugida. Em um gesto de desespero, prestes a ser capturada, Bertoleza comete o suicídio, deixando o caminho livre para o casamento de Romão.

Personagens

João Romão: taverneiro português, dono da pedreira e do cortiço. Representa o capitalista explorador.

Bertoleza: quitandeira, escrava cafuza que mora com João Romão, para quem ela trabalha como uma máquina.

Miranda: comerciante português. Principal opositor de João Romão. Mora num sobrado aburguesado, ao lado do cortiço.

Jerônimo: português “cavouqueiro”, trabalhador da pedreira de João Romão, representa a disciplina do trabalho.

Rita Baiana: mulata sensual e provocante que promove os pagodes no cortiço. Representa a mulher brasileira.

Piedade: portuguesa que é casada com Jerônimo. Representa a mulher europeia.

Capoeira Firmo: mulato e companheiro que se envolve com Rita Baiana.

Arraia-Miúda: representada por lavadeiras, caixeiros, trabalhadores da pedreira e pelo policial Alexandre.